

Os sofrimentos do homem no antigo Israel e hoje ⁽¹⁾

Erhard S. Gerstenberger

Preleção inaugural pronunciada na Faculdade de Teologia em 29 de outubro de 1975

Qualquer impedimento ou obstrução da vida produz angústias. Não queremos, nesta ocasião, distinguir entre casos insignificantes e intoleráveis; não vamos falar sobre os fatos objetivos e os efeitos subjetivos daquelas aflições que castigam a humanidade. Também não importa quem experimenta sofrimentos: menino ou velho, pobre ou rico, culpado ou inocente. Seja suficiente destacar agora que o nosso mundo está cheio de sofredores e que cada dor, seja leve, seja grave, tem uma relação àquele último sofrimento, que ameaça todo o nosso ser. Sempre era assim. Jô perdeu tudo, inclusive a sua fé na justiça de Deus; e existem até hoje multidões de desesperados e marginalizados, igualmente infelizes como Jô. Quantos deles morreram irreconciliados, não podemos estimar. Jesus Cristo morreu condenado, apesar de ser justo; e o mesmo destino, do ponto de vista humano, encontraram milhões de defensores da verdade, que foram sacrificados, torturados, assassinados, fuzilados. Até hoje os sofrimentos dos justos não acabaram. E não há a mínima chance de acabarem.

Então, por que gastamos tempo e energia refletindo sobre os sofrimentos do homem? Não seria mais sensato e plausível deixar intocadas aquelas condições, que não podemos mudar, e concentrar-nos nestes problemas, que podemos resolver? O sofrimento, causado pelo mal, parece ser uma parte tão intrínseca ao nosso mundo que cada tentativa de eliminá-lo leva à frustração. Vocês conhecem a dificuldade de corrigir as pequenas falhas dentro dum grupo familiar, duma faculdade, congregação, igreja, comunidade,

(1) Quero agradecer aos participantes no seminário "Ameaça à vida no AT" (2.º semestre 1975) pelas boas discussões sobre vários aspectos deste tema: um membro do seminário, Oto Ramming, e o colega Martin Volkmann gentilmente corrigiram o manuscrito. A presente preleção, além disso, se desenvolveu num diálogo com os seguintes autores: P. Freire, *Pedagogia do oprimido* (2.ª ed., 1975); K. Kitamura, *Theologie des Schmerzes Gottes* (1972); A. Mitscherlich, *Krankheit als Konflikt* (4.ª ed., 1969); A. Plack, *Die Gesellschaft und das Böse* (1967); W. Pannenberg, *Was ist der Mensch?* (3.ª ed., 1968); D. Sölle, *Leiden* (1973); P. Tillich, *The Courage to Be* (8.ª ed., 1959; trad. *A Coragem de Ser*, 2.ª ed., 1972); H. W. Wolff, *Anthropologie des Alten Testaments* (1973; trad. *Antropologia do Antigo Testamento*, 1975).

associação, etc. Por que não deixar que os mortos enterrem seus mortos (Mt 8, 22), e construir, com paciência, o novo mundo?

Infelizmente a nossa fé não nos permite fugir dos problemas do mal. Nós não somos, p. ex., hindus ou moslins, que podem adotar uma atitude perfeitamente tranqüila diante do mal e suas conseqüências. O judaísmo e o cristianismo, desde a base, têm motivações profundas de enfrentar o mal, superar as forças negativas neste mundo e assim abolir os sofrimentos (2). O nosso Deus é um deus de luta contra o mal e um deus de salvação e reabilitação do perdido. Os sofrimentos da humanidade, o desrespeito à sua causa, atingem-no, provocam a sua misericórdia (3). Ou, em outras palavras, Deus sempre foi solidário com os homens. A sua solidariedade leva-o a identificar-se com os sofredores. Cristo mesmo experimenta angústias (cf. Sl 22, 2 e Mt 27, 46), e nós podemos reunir-nos com ele em nossa aflição e, mais uma vez, em nosso desrespeito à sua causa.

Portanto, nós somos obrigados a pensar no sofrimento do mundo. A nossa tradição e a nossa experiência com Deus nos obrigam a isso. Tentemos definir de novo a finalidade dos sofrimentos entre nós. Analisemos a situação de hoje em interlocução com a Bíblia, pois lá nós temos testemunhos claros, e talvez bem diferentes, a respeito das dimensões e do contexto do sofrimento.

I

As dúvidas mais perturbadoras estão ligadas com a questão da causa e finalidade dos sofrimentos no nosso mundo. As respostas vão atingir diretamente a nossa fé. Será, em última análise, uma decisão entre um Deus tirano, afastado do mundo e incompreensível, e um Deus compassivo, até a sua morte conosco e em nosso favor. Mas estas considerações pertencem ao fim da presente investigação. Começemos com reflexões sobre o mundo, em cujo contexto aconteceu e acontece o sofrimento, porque o mundo particular, quer dizer: todo o sistema cultural, social e religioso, que cada época constrói, influencia bem fortemente o destino do indivíduo. Assim, apesar duma afinidade básica entre os sofrimentos de antigamente e de hoje, existem diferenças significativas, não somente com relação às experiências individuais, à intensidade e qualidade da dor sentida, mas também com relação ao padrão total da existência, ao sentido da vida e aos rumos do comportamento.

A) O mundo do AT, e também do NT, apesar da sua dimensão apocalíptica, era praticamente fechado, era finito (4). Certamente os homens da Antigüidade sabiam muito bem que a criação era

(2) Cf. Gn 3, 15; Dt 17, 7; 19, 19; Sl 5, 5-7; 139, 21s, etc. A perseguição do outro por causa de sua opinião divergente, como a encontramos nas várias "guerras ideológicas", infelizmente tem, também, uma raiz veterotestamentária.

(3) Cf. Ex 32, 12.14; Jz 2, 18; Jr 18, 8; 26, 3.13.19, etc.

(4) Apresentações gerais, das diferentes perspectivas, são, p. ex., as seguintes: J. Pederson, *Israel, its Life and Culture* (1926); G. v. Rad, *Theologie des Alten Testaments* (1957).

uma obra complexa, grande demais para as criaturas a compreenderem. No fundo e nas margens do mundo existiam poderes incalculáveis, que poderiam trazer miséria horrível, como p. ex. epidemias, secas, enchentes, terremotos, doenças de qualquer tipo. Mas, sob certa forma, o mundo, inclusive depois da queda, permanecia um jardim, no qual cada fenômeno tinha o seu nome e lugar, sob a direção de Javé. Nós, por outro lado, temos um mundo infinito, aberto. Ninguém mais pode colocar em ordem a imensa massa dos detalhes conhecidos, ninguém mais pode unificar as centífugas idéias e teorias sobre o nosso mundo. Enquanto a visão geral das ciências naturais ainda oferece um quadro mais ou menos coerente do universo, porém sem limite, esta harmonia desaparece logo que as ciências humanas entram em cena. Sim, o AT também mostra conflitos entre filosofias divergentes (5). Mas sempre foi uma luta numa estrutura mundial bem definida, bem nítida, a fim de arranjar alguns problemas internos. Na situação de hoje as teorias científicas e pseudo-científicas tendem a levar a polarizações fundamentais, ilimitadas e letais. O homem do AT podia jubilar:

Senhor, as tuas obras são tão diversas!

Fizeste tudo com sabedoria.

As tuas criaturas encham o mundo. (Sl 104,24)

E dizendo isso, ele visava um mundo íntegro, saudável, sensato. Nós, há tempo, perdemos esta visão integral.

B) O mundo do homem antigo era animado em todas as suas partes, desde a pedra até a árvore ou montanha. Deserto, mar, vento, terra, animais, plantas — em poucas palavras: todas as coisas criadas possuíam por assim dizer uma alma própria, ou pelo menos, espíritos de guarda. Certamente no AT e até em Paulo (cf. Rm 8, 38s) todos os poderes estão subjugados a Deus e muitas vezes só agem conforme a vontade de Deus. Assim “o espírito maligno” toma posse de Saul (1 Sm 18, 10); as pragas no Egito são meios de castigo na mão de Javé (Ex 7-12), da mesma forma como seca, fome e ações de povos ou exércitos (6). Mas a superioridade de Javé nunca elimina os poderes subordinados (cf. p. ex. Sl 58, 82). A relação, portanto, entre homem e ambiente sempre era uma ligação pessoal. Nas suas atividades e sofrimentos, experimentados nos encontros com o seu mundo, o homem antigo agiu e reagiu no mesmo nível como os poderes, sendo às vezes mais forte (cf. Sl 8) ou mais fraco (cf. Sl 107, 23-27) do que a natureza animada, mas sempre mantendo a sua afinidade íntima a ela. Ao contrário, nós somos emancipados do mundo; reduzimos a natureza a mero material para nossos desenhos e maldades. O homem de hoje está assumindo um domínio total sobre toda a criação, apoderando-se, de fato, do mundo inteiro. E, simultaneamente, ele parece estar perdendo a sua vida (Mt 16, 26).

(5) Um caso dentro de Israel foi a luta a favor e contra o reinado; cf. Dt 17, 14ss; 1 Sm 8, por um lado; 2 Sm 7; Sl 110, por outro lado.

(6) Cf. Gn 41ss; 2 Rs 18s e a pregação dos profetas contra Israel/Judá.

C) Quanto à sociedade humana, o mundo do antigo Israel era um mundo de assistência familiar e de papel bem determinado para cada indivíduo. Conseqüentemente, cada pessoa recebia uma considerável segurança externa e interna. Eliseu perguntou à mulher de Sunem, sua hospedeira:

“Haverá alguma coisa de que se fale a teu favor ao rei, ou ao comandante do exército?” “Ela respondeu: Eu moro seguramente no meio do meu clã.” (2 Rs 4, 13)

Esta auto-suficiência da grande família apresenta a situação normal. Evidentemente existiam os desesperados como aqueles, os quais Davi reuniu para formar um grupo de guerrilheiros (“homens que se achavam em aperto, homens endividados e amargurados de espírito”, 1 Sm 22,2). Existia, também, a briga conjugal e intra-familiar, a rivalidade entre profissionais e a marginalização dos fracos, p. ex. de órfãos e viúvas (7). Mas, em geral, a rede das relações de parentesco era densa e forte. Todos os observadores do mundo moderno concordam, que a “teia de relações” da grande família hoje está diminuindo rapidamente por causa da diversificação do trabalho e da educação, da migração às metrópoles, da dissolução da autoridade patriarcal. Formam-se, em nossos dias, grupos sociais diferentes num processo muito profundo e doloroso, e falta, conseqüentemente, em milhões de casos, a proteção da família, particularmente para jovens e velhos (8).

D) Finalmente, o mundo do AT era sustentado continuamente pelo criador Javé. Pelo fim da época, na verdade, se originaram tais dúvidas, que se manifestam em certos Salmos, nos livros de Jó e do Eclesiastes (9). Mas em geral Javé permanece a única, porque última fonte da vida. Ele é interlocutor do israelita, não necessariamente na forma de uma religiosidade individualista, mas no contexto do povo e do pacto. Por exemplo, o costume de observar diariamente tempos de oração no quarto privado só surge no último período ainda coberto pelos escritos do AT. Antigamente a gente visitava um santuário central de ano em ano, para sacrificar, adorar e cumprir os seus votos (cf. 1 Sm 1, 3-21). Quer dizer: A comunicação com Javé, o deus da aliança, podia acontecer principalmente no templo tribal. Que serviços culturais na família e na aldeia eram celebrados em casa ou no morro perto do sítio da morada, nós não sabemos com certeza (cf. 2 Sm 15,7-8; 1 Sm 9, 12s). Seja suficiente assinalar aqui: O contato permanente com Javé, realizado pelo culto comum e serviços especiais, constituía a base firme para a vida do israelita. Neste “diálogo cúllico” estavam incluídas, também, as aflições pessoais. No nosso tempo não somente desapareceu a unidade do mundo, mas também, a orientação ao criador e sustentador único, ao ser supremo e voluntario-

(7) Cf. Gn 16, 4-6; 2 Sm 3, 22-34; 15-19; Ex 22, 21-23.

(8) S. Kirjner, resumindo os primeiros 90 dias do novo governo do Rio Grande do Sul, anota: “O Sr. Synval Guazzelli ... qualificou como prioritários, na sua administração, os problemas de ordem social. E dentro do campo social, em sua prioridade que se pode considerar como absoluta, o problema do menor carenciado” (Correio do Povo, 15-6-1975, pág. 44).

(9) Cf. Sl 10; 37; 49; Jó 9-10; Ec 1 — 4, etc.

so, ao salvador, que leva a sua solidariedade com os homens até o ponto extremo. A situação da humanidade hoje não pode ser generalizada facilmente. Mas parece que, em lugar da confiança em Deus, nós experimentamos tentativas atormentadas de crer em nós mesmos; e em lugar de uma única relação ao princípio absoluto, observamos uma busca bem nervosa nas diferentes direções. O ponto de referência comum, tão necessário para toda a humanidade, ainda não foi encontrado.

O resultado desta primeira parte das observações seria o seguinte: O papel do homem no mundo moderno aponta diferenças qualitativas na comparação com o na época do AT. Hoje o homem se considera independente e autônomo e, ao mesmo tempo, ele experimenta o seu isolamento e frustração. Os sofrimentos do homem continuam desde o início da humanidade, mas agora ocorrem num quadro novo.

II

Devido à complexidade do mundo antigo, as concepções dos israelitas com respeito à causa dos males eram diferentes das nossas. Podia ser aceita a existência do mal como um fato evidente e invariável, sem reflexões. Assim, a serpente no paraíso não recebe nenhuma explicação. Sem dúvida, conheciam-se também, em Israel, sofrimentos causados por forças naturais (10), e certamente tais infligidos por homens, que sempre eram capazes de crueldades incríveis (11). Davi, sendo obrigado a escolher um castigo para sua transgressão, pede: "Nas mãos dos homens não caia eu" (1 Sm 24, 14). Cabe neste quadro que o homem conhecido, inclusive o parente, pode tornar-se um inimigo insensível (12). Mas todas estas localizações da fonte de mal e de sofrimento nos mantêm na superfície da questão. Quem é, em última análise, o responsável pela miséria neste mundo? A fé dos israelitas só permitia uma resposta: Javé mesmo. De qualquer modo, ele, o supremo guarda da justiça e personificação de amor, é envolvido na causa do mal. Ele mesmo pode se voltar contra seu povo:

"Eu, eu mesmo vou despedaçá-los, e irei embora;
eu vou arrebatá-los, e ninguém pode ajudar." (Os 5, 14)

Ele, também, é o deus da vingança em favor de Israel, causando sofrimento aos povos estrangeiros:

"Eu pisei as uvas (quer dizer: os Edomitas) na minha ira;
no meu furor as emaguei,
e o seu sangue sujou as minhas vestes,
e eu manchei o traje todo." (Is 63, 3)

Por outro lado, aqueles que eram afligidos pelo castigo de Javé não ficavam calados. Ouvimos distintamente, até hoje, essas vozes

(10) Cf. Gn 37, 33: animais ferozes; 1 Rs 19, 11-12: temporal, terremoto, fogo; Is 41, 17: seca, etc.

(11) Cf. Gn 4, 23s; 37, 22-25; Jz 15, 4-6; Am 1, 13, etc.

(12) Cf. Gn 32, 7-9; 1 Sm 22, 6-19; Sl 55, 13-15; Jó 19, 13-19; Mq 7, 5-6.

dos homens feridos e desesperados. Eles reclamavam, queixavam-se e — caso uma confissão da própria culpa não era mais apropriada — acusavam Javé.

“Tu me jogas no buraco mais profundo,
na escuridão do inferno.

A tua ira veio sobre mim,
as tuas torrentes derrubaram-me.
Alienaste de mim os meus conhecidos;
tu me fizeste um monstro para eles.
Estou preso, não posso sair.”

“Por que, Javé, tu me repudiaste?

Por que escondes o teu rosto?” (Sl 88, 7-9.15)

Javé, aqui, não é visto como o criador, mas como o destrutor da vida. Jó, da mesma maneira, levanta acusações ainda mais graves contra o seu Deus:

“Eu sou inocente!” (Jó 9, 21)

“Ele (Javé) multiplica as minhas chagas sem causa.” (Jó 9, 17)

“Se se trata da força do poderoso, ele dirá: Eis-me aqui;
se de justiça: Quem me citará?” (Jó 9, 19)

“Tu gostas de me oprimir?” (Jó 10, 3)

“Se eu for justo, não ousa levantar a minha cabeça...
porque se a levanto, tu me caças como a um leão feroz...
Tu multiplicas contra mim a tua ira;
males e lutas se sucedem contra mim.” (Jó 10, 15-17)

“Tu destróis a esperança do homem.” (Jó 14, 19)

A visão de um Deus favorável se transforma em uma imagem de um tirano. Este Deus, arbitrariamente, tortura o homem; ele parece ser um déspota sádico, cujo rosto se tornou uma careta.

O equilíbrio do mundo, segundo o AT, residia mais ou menos por completo em Deus. Sem dúvida, o homem já tentaria “ser como Deus” (Gn 3, 5) e “tornar-se célebre” pela ocupação do céu (Gn 11, 4). O homem também tinha sido incumbido por Deus dos poderes administrativos, a fim de dominar a terra em lugar do próprio criador (Gn 1, 28; Sl 8, 6-9). Mas, apesar disso, o homem, em verdade, fez a experiência de ser dependente e fraco diante da realidade de Javé (cf. Jó 38-42). Hoje a balança entre os poderes de Deus e do homem parece estar mudada. Isto se manifesta particularmente com respeito às causas do sofrimento humano. Poucas calamidades ainda existem entre nós, nas quais o homem não tem alguma responsabilidade. Falando em epidemias, terremotos, mudanças do clima, crescimento das doenças mentais e, deixando de lado aquelas pragas que obviamente são iniciadas por atos humanos, como guerra, fome, discriminação, marginalização, exploração, opressão, etc., o homem pelo menos cria ou aumenta as condições para facilitar as tribulações dos seus semelhantes.

O homem, portanto, com razão, pode ser considerado o maior causador do mal em nosso mundo. Conscientemente ou incons-

(13) Cf. também as violentas erupções contra Deus em Jó 13, 18-28; 14, 19; 16, 7-17; 19, 6-12; 30, 20-23.

cientemente o homem reconhece o seu novo papel; começa a reagir diante de sua responsabilidade, que se mostra tão perigosa. Muitos aspectos da nossa vida, não por último as diversas guerras ideológicas e qualquer fanatismo, inclusive entre as torcidas num estádio, podem ser explicadas como tentativas de vencer o mal no mundo. Não somente o mal apresentado pelo grupo hostil, mas também essas corrupções que o homem sente em si mesmo e no seu próprio grupo. Cada perseguição na história, além de outras motivações, foi também estimulada pelo desejo de eliminar o mal dentro de si mesmo e, assim, libertar-se a si mesmo. Hoje, no pano de fundo de uma emancipação geral do homem, que começou há 200 anos, ciências, política, economia, medicina, em suma todos os movimentos da imaginação humana muitas vezes procuram superar os sofrimentos em nosso mundo.

Mas, apesar disso, a tese da autonomia do homem não basta para explicar a realidade. A experiência histórica até hoje nos mostra que nenhum movimento, nenhuma energia, nenhum progresso vai superar os conflitos inerentes à vida. Ou melhor: Enquanto o homem certamente é capaz e tem uma obrigação para com Deus de vencer sofrimentos específicos dentro da sua ampla área de responsabilidade, sempre de novo vão acontecer erros, conflitos, falhas e angústias. O modelo do mundo sem sofrimento, sem "voz de choro e de clamor" (Is 65, 19), onde serão pacificados lobo, leão e serpente (Is 65, 25), não se realizará em nossos terrenos. Temos este padrão do mundo como uma promessa escatológica, ou: como um futuro já bem influente. Mas não vamos abolir o sofrimento, porque este pertence à estrutura da vida. Podemos dizer, no mesmo sentido, que o homem nunca vai afastar-se de Deus, que assim organizou o mundo, construindo-o como uma arena de luta contra o mal e contra o sofrimento (14).

III

Outra vez surge a questão: Porque o homem deve sofrer? E agora a questão tem o seguinte sentido: Qual poderia ser a finalidade do sofrimento estrutural e invencível? O AT oferece diversas sugestões para compreender talvez um pouco mais profundamente a nós mesmos, o mundo e Deus. E cada resposta do AT contém um pouco de verdade.

A) Conforme uma convicção bem popular e bem humana, o bem-estar do homem dependia do seu comportamento. Quem quisesse viver feliz e abençoado precisaria manter-se dentro das normas estabelecidas. Este homem prudente receberia todos os lucros materiais, intelectuais, sociais para ter garantida uma vida confortável. Cada transgressão, contudo iria resultar numa diminuição do seu bem-estar, preferivelmente de modo homeopático; quer dizer,

(14) Ch. Darwin defendeu a tese de que a luta pela sobrevivência é a lei fundamental do mundo. Alguns dos seus sucessores concluíram que o mais forte poderia impor a sua lei na sociedade. Isso não vale como uma consequência cristã.

seriam retirados do malfeitor justamente aqueles privilégios que foram violados (olho por olho! Ex 21, 23-24). Este sistema de retribuição, mais ou menos refletido, funcionava, conforme a fé popular, quase automaticamente. O bem-estar era criado pela boa conduta e destruído pelo pecado. Os amigos de Jó são defensores ortodoxos dessa doutrina, e os desempenhos meticulosos no Judaísmo posterior, a fim de não infringir a esfera proibida para não provocar os poderes destrutivos, testemunham o vigor contínuo desta opinião. Na verdade, até hoje os homens crêem fortemente que o bom comportamento merece uma remuneração e que o violador dos costumes e regras merece um duro castigo. A suposição desta convicção está sendo o equilíbrio e a imparcialidade da justiça em si mesma.

A partícula da verdade implícita nesta fé humana (15) reside, de nossa perspectiva, nestes pontos: Primeiro, a autonomia do homem é levada a sério. O homem de fato, dentro da sua esfera da vida cultural, cria a si mesmo; conseqüentemente, ele também cria as suas calamidades. Segundo: os atos e produtos humanos vão ter repercussões na humanidade, muitas vezes a longo prazo. Isso vale esporádica ou estatisticamente para os indivíduos. Podemos criar, nós mesmos, atmosferas de confiança, alegria, amor, como também as qualidades opostas — e sofrer na nossa própria criação. Isso vale, com uma margem maior de certeza, para as sociedades e grupos de homens. Mas sempre foi um engano fatal aplicar a regra de “auto-criação do mal” a indivíduos determinados, a fim de diagnosticar e prognosticar as suas calamidades.

B) Uma outra opinião, bem conhecida já no AT, considerava cada sofrimento do homem como um meio de educação divina. Um “bom pai” castiga o seu filho para assegurar a sua virtude. Diz um provérbio israelita:

“Castiga o teu filho enquanto há esperança,
mas não te excedas a ponto de matá-lo.” (Pr 19, 18)

Correspondendo a esta imagem, Javé usava punições para dirigir os seus fiéis, e às vezes os outros também, no caminho certo. A saga do patriarca José (Gn 37ss.) apresenta um bom exemplo. O jovem, estragado pelo tratamento preferencial por parte de seu pai e, conseqüentemente, orgulhoso demais, tem que sofrer muitas angústias antes de conseguir a posição de destaque no Egito. A partir daí ele é purificado: O perdão duplo que ele oferece aos seus irmãos (Gn 45, 5; 50, 20) é prova suficiente de que ele assimilou e transformou todas as misérias encontradas. O conto sobre José, portanto, se manifesta como uma novela educativa, mostrando os efeitos saudáveis do castigo e do perigo da vida. Neste sentido, muitas vezes, no AT se fala sobre “castigo” e “purificação”, sobre os processos de “educar”, “aprender”, “conhecer”, etc.

(15) A doutrina da retribuição automática tem uma extensão na direção duma responsabilidade coletiva, cf. Ex 20, 5: três ou quatro gerações vão sofrer sob uma transgressão; Js 7: todo o povo tem que carregar as conseqüências do crime de um só membro. A avaliação acima leva em consideração esta amplificação.

(16) A educação rigorosa em Israel, incluindo o castigo físico, era destinada a expulsar ignorância e estupidez, e tornar cuidadoso o jovem e a fornecer-lhe a experiência vital de que a transgressão não se recompensa. Igualmente a educação divina era considerada um meio de estabelecer a solidariedade e obediência humanas diante de Javé.

Novamente estes pensamentos antigos se manifestam parcialmente verdadeiros. Ninguém pode ganhar firmeza e coragem para viver sem experimentar condições adversas na medida que ele pode suportar. A maturidade do homem só pode ser alcançada através de muitas angústias, perdas graves e decepções, que devem ser aceitas e superadas. Ou, mais especificamente, o homem não vai tornar-se humano sem ser confrontado, na sua vida, com as últimas contradições do mundo. Esta experiência existencial se tornará falsa no momento em que um homem tentar decidir a respeito de sofrimentos alheios ou querer impor sofrimentos a um semelhante. Sofrimentos aplicados aos outros são duvidosos, perigosos e até criminosos.

C) Finalmente, os israelitas antigos, que ainda podem comunicar-se conosco através do AT, tinham uma consciência bem sutil, pois sentiam que todas as doutrinas de sofrimento não podiam explicar a utilidade de cada miséria atual. Existiam destinos e situações extremas em que não havia condições para continuar a viver. Assim o rei Saul comete suicídio depois de uma derrota decisiva (1 Sm 31, 4). Assim os profetas Jonas e Elias, e também a mulher Hagar, querem morrer no deserto (Jn 4, 3; 1 Rs 19, 4; Gn 16, 7). Em cada vez Javé mesmo tem que impedir a morte. Conforme o esboço da figura de profeta, contido no livro de Jeremias, ele viveu no limiar da morte. Especialmente nas suas "confissões" ele luta contra Javé, insistindo que o cargo de mensageiro era pesado demais (17).

"Por que dura a minha dor continuamente,
e a minha ferida me dói, e não admite cura?
Tu és para mim como um ribeiro ilusório,
como águas que enganam." (Jr 15, 18)
"Persuadiste-me, ó Senhor, e persuadido fiquei;
mais forte foste do que eu, e prevaleceste.
Sirvo de escárnio todo o dia;
cada um deles zomba de mim." (Jr 20, 7)
"Então pensei: Não me lembrarei dele,
e já não falarei no seu nome..." (Jr 20, 9)
"Maldito o dia em que nasci...
Maldito o homem que deu as novas a meu pai...
Por que saí do ventre materno,
tão somente para ver trabalho e tristeza,

(16) Cf. Sl 6, 2; 39, 12; 78, 6; 80, 16; 95, 10; Is 1, 2; Jr 10, 24; J. A. Sanders, *Suffering as Divine Discipline in the OT and in Post-Biblical Judaism* (1955).

(17) Cf. Jr 12, 1-4; 15, 10-21; 17, 14-18; 20, 7-18; a seguir, no texto, uma seleção das palavras mais relevantes ao nosso tema.

e para que se consumam de vergonha os meus dias?" (Jr 20, 14-18)

Tanto desespero se encontra, além disso, no livro de Jó, em alguns Salmos e em Eclesiastes (18). Diante da insensatez do sofrimento se abala a fé, e desaparece a coragem de viver. As contradições do mundo em si se tornam predominantes. Não se manifesta um rumo conhecível; a inexplicabilidade do sofrimento em nosso mundo torna intolerável toda a existência.

Aqui atingimos o ponto, onde nós nos encontramos como teólogos cristãos. Podemos, sem dificuldades, acrescentar toneladas de aflições da nossa própria época. Algumas misérias podem ser enumeradas, e os números em si sugerem o horror do inferno. 60 milhões de pessoas mortas na segunda guerra mundial, das quais 6 milhões foram Judeus que sofreram atrocidades acima de qualquer imaginação. Milhões de outros mortos, feridos, aprisionados; torturados em muitas guerras depois. 400 milhões de crianças atualmente mal alimentadas. "De 4 até 5% da população gaúcha é formada por menores carenciados" (19). "Na Grande São Paulo, 47,1 por cento da população — com renda de até 5 salários mínimos — moram em condições precárias, em domicílios 'congestionados', 'rústicos' ou 'coabitados'" (20). A lista poderia ser prolongada quase infinitamente para o mundo inteiro e para cada país, sem exceção. Mas os dados estatísticos ainda não revelariam os sofrimentos escondidos, em famílias, fábricas, escolas, hospitais, asilos, prisões; quer dizer: a agonia do homem ocorre milhões de vezes diariamente, de forma visível ou invisível, em todas as camadas da sociedade. O peso destes sofrimentos não é suficiente para desmentir qualquer idéia de bondade de Deus e de harmonia no mundo?

Como teólogos (e cada cristão, falando em Deus ou agindo em seu nome, na verdade é um teólogo) nós temos que aceitar o fato de haver absurdez no mundo. Uma rejeição ou fuga desta realidade seria um ato de suprema desobediência. E mais ainda: Temos que incluir a realidade profundamente pervertida nos nossos pensamentos sobre Deus. Eles sempre vão permanecer imperfeitos, isso está claro. Mas temos que tentar oferecer respostas que são válidas dentro da perturbação vigente. E a resposta a respeito de Deus e da origem e finalidade do sofrimento poderia ser mais ou menos esta: Se a realidade contém em si tensões inexplicáveis e insolúveis, o criador de tudo também deve participar destas tensões. Falando como os cientistas, podemos dizer: Forças opostas são constitutivas para a estrutura e manutenção do mundo. Falando como os psicólogos: A ansiedade deve ser aceita e superada e assim serve como uma construção auxiliar para a formação do homem. Seguindo, finalmente, alguns filósofos, pode-se dizer: a estrutura do ser experimentado também será a estrutura do ser último, o negativo sendo parte integral do todo. Como teólogos nós

(18) Cf. Jó 3; Sl 73; 88; Ec 1, 18; 4, 1ss.

(19) *Correio do Povo*, 15-6-1975, pág. 44 (S. Kirjner).

(20) *Correio do Povo*, 12-10-1975, pág. 39.

perseguimos a questão até o fim, incluímos cada um dos sofredores do mundo e ouvimos, no diálogo com a Bíblia, o testemunho dos antecedentes na fé: Deus não somente causa ou permite a dor, Deus não somente castiga, a fim de guiar os homens, mas Deus mesmo está sofrendo conosco e por causa de nós. De fato, a mensagem central do cristianismo sempre foi o “crucificado e ressurreto”, que deixou a sua divindade para sofrer com os homens (Fp 2, 6-8). O mesmo Deus já agiu com o seu povo no AT. Ele é ofendido por seus parceiros na aliança e se defende como um culpado: “Que injustiça acharam vossos pais em mim, para de mim se afastarem...?” (Jr 2, 5). Ele sofre a dor daquele que oscila entre amor e justiça: “O que vou te fazer, ó Efraim, o que vou te fazer, ó Juda? O vosso amor é como a nuvem da manhã...” (Os 6, 4). E ouçamos outra vez o profeta Jeremias, falando em lugar de Deus:

“Não é Efraim meu precioso filho? filho das minhas delícias? pois tantas vezes quantas falo contra ele, tantas vezes ternamente me lembro dele; comove-se por ele o meu coração, deveras me compadecerei dele, diz o Senhor.” (Jr 31, 20)

“Deveras, como a mulher se aparta perfidamente do seu marido, assim com perfídia te houveste comigo, ó casa de Israel, diz o Senhor.” (Jr 3, 20)

Sou de opinião de que também a seguinte palavra do profeta, apesar de estar sem fórmula de mensageiro, e apesar de normalmente ser atribuída aos sentimentos proféticos ou interpretada como a voz da terra israelita, na verdade se refere a Javé mesmo:

“Ah! meu coração! meu coração! Eu me contorço em dores. Oh! as paredes do meu coração! Meu coração se agita! Não posso calar-me, porque ouves, ó minha alma, o som da trombeta, o alarido de guerra. Golpe sobre golpe se anuncia, pois a terra toda já está destruída; de súbito foram destruídas as minhas tendas, num momento as suas lonas. Até quando terei de ver a bandeira, terei de ouvir a voz da trombeta? Deveras o meu povo está louco, já não me conhece; são filhos néscios, e não entendidos; são sábios para o mal, e não sabem fazer o bem.” (Jr 4, 19-22)

Estas e outras passagens não representam um simples antropomorfismo dos escritores do AT. Estes pensamentos levam-nos ao centro da personalidade do Deus do pacto. Ele, na verdade, se liga com o homem sofredor; ele, como que de princípio, toma o partido do pobre, oprimido, estulto (cf. 1 Sm 2, 2-8; 1 Co 1, 27s). Isso se torna claro, acima de qualquer dúvida, na pessoa de Jesus Cristo de quem nós temos o nosso nome e a justificação de viver.

IV

Para não incorrer no erro de nos afastarmos da nossa realidade, e para mostrar que, na verdade, a teologia aplicada é a rainha en-

tre as disciplinas teológicas (o que implica, também, que cada disciplina vem a ser aplicada!), vamos investigar em breve as conseqüências desta “teologia de sofrimento”, como são expostas sobretudo por K. Kitamori no livro: “Theologie des Schmerzes Gottes”, e por D. Sölle, em seu ensaio: “Leiden”.

A) A afirmação teológica, que insiste na presença de Deus no sofrimento humano, não sugere uma atitude masoquista, um amor à sua própria dor. Tampouco leva à paralisção, nem de Deus nem dos homens. Ao contrário, o poder de Deus se manifesta na fraqueza. Isso é o testemunho cristão, desde os séculos passados, e uma experiência viva em nosso tempo. Quando termina toda esperança de viver, quando se obscurece toda fé numa melhora da situação, alguns homens experimentam a participação de Deus nos seus sofrimentos, e assim podem vencer as ansiedades últimas. É um milagre quando isso acontece, pois conhecemos suficientes exemplos que mostram a força mortal do sofrimento. Existem milhões de homens que na realidade estão mortos, porque eles vegetam sem a esperança mínima. Os sofrimentos opressivos e excessivos os mataram. São realmente almas mutiladas, vozes caladas, sacrifícios insensatos (21). Mas neste momento estamos preocupados com o milagre da compaixão de Deus. Cada pastor e cada pessoa que se encontra com outros na base de confiança mútua vai concordar: Deus muitas vezes se manifestou em extremos sofrimentos, quando nós não o tínhamos esperado. Por exemplo, da minha experiência pessoal: Aquele jovem de 19 anos e aquela mulher de 46 anos, que sofriam de paralisias incuráveis, estavam alegres, conversando livremente sobre assuntos de seu interesse: caracteres fortes pela maravilhosa presença de Deus. Ou este casal, que cedo perdeu a sua única filha em um acidente, ainda acusava Deus, mas simultaneamente tentava superar a dor imensa, pensando em adotar um menino abandonado, a fim de aliviar os sofrimentos dos outros. Ou estes velhos, que tranqüilamente passam à morte; um deles em especial está na minha lembrança. Ele estava narrando, no seu último dia, com clara consciência e numa alegria quase já transfigurada, contos da sua juventude. Dorothee Sölle, em seu livro, analisa algumas cartas de pessoas condenadas à morte devido à sua resistência contra Hitler. Ela conclui que algumas delas mostram as mesmas características como as palavras de despedida que Jesus deixou aos discípulos conforme João (Jo 13, 31-16, 33): Confiança no futuro apesar da morte iminente; alegria sob a dor; amor aos sobreviventes. Onde isso acontece a morte já está vencida.

Assim a fé na participação de Deus nos sofrimentos do mundo não leva a um fatalismo, mas significa uma vitória definitiva sobre o mundo, no qual parecem dominar as trevas. E mais uma vez: Este conhecimento da verdadeira realidade de Deus não po-

(21) Muitas vezes, infelizmente, não é a comunidade cristã que articula os sofrimentos dos esquecidos, mas são jornalistas e escritores que assumem este papel.

de ser impingido de fora ao sofredor; só pode ser experimentado no sofrimento.

B) Cristãos e igrejas não devem, portanto, assumir atitudes semelhantes àquelas que se manifestam nos amigos de Jó: atitudes de superioridade e de certeza orgulhosa. Nós somos obrigados, pelo exemplo do nosso Senhor, de não ensinar os sofredores, com ar de superioridade, mas estar perto da miséria, dentro da miséria, e sofrer com aqueles que não acham uma saída. Eu sei muito bem que a nossa capacidade de sofrer é limitada, pois conheço o meu e o nosso desejo de evitar sofrimentos. Porque a minha vinda para cá também foi, parcialmente, uma fuga temporária dos inúmeros sofrimentos encontrados numa grande congregação e acumulados durante nove anos de serviço. Mas o desejo de se afastar da realidade não basta para nós. Apesar de nossas mãos serem vazias diante da extrema miséria e nossa coragem nunca ser suficiente para consolar os desesperados, cremos no milagre da presença de Deus no abismo da dor. "Saia daqui, por favor", disse uma secretária no centro administrativo da nossa Igreja em Porto Alegre a uma mendiga, que pedia dinheiro para alimentar o seu bebê, "nós não temos nada". Bem, nós não temos nada para oferecer ajuda efetiva, e quaisquer esmolas em geral não servem para ajudar, mas para resgatar a si mesmo da miséria concreta. Resta somente repartir o sofrimento com o infeliz, e então muitas vezes, miraculosamente, se acham meios de ajudar. As igrejas tradicionais, contudo, têm a tendência de marginalizar ou institucionalizar o sofrimento. Eu vi um mapa dos diversos santuários no Rio, e um jesuíta explicou: Os santuários católicos estão concentrados nos bairros de renda média e elevada. Nos distritos mais pobres e mais populosos faltam capelas, falta também o serviço pastoral. Por outro lado, as religiões mais recentes no Brasil, as comunidades pentecostais, espíritas e de origem africana, têm uma grande concentração dos santuários dentro ou perto das favelas. E elas oferecem grande atenção aos problemas e às carências do povo (22). Assim a consequência das nossas observações acima seria: Cristãos e igrejas devem buscar a proximidade do sofrimento. Isso pode acontecer de vários modos:

1) A nossa tarefa seria buscar uma vizinhança física e social com aqueles que sofrem. Paulo diz: "Fiz-me escravo de todos... fiz-me fraco com os fracos..." (1 Co 9, 19. 22). Isso certamente implica uma presença corporal, um conhecimento da situação alheia por experiência própria. Não vou sugerir que todos os cristãos numa cidade se reúnam numa favela. Mas todos os cristãos deveriam buscar os vários lugares de sofrimento. Quero destacar a necessidade, p. ex., de visitar os sofredores. Possivelmente a distância entre nós e eles não é muito grande. As vezes o vizinho está no abismo do desespero. E porque a sociedade tem a tendência de de-

(22) Cf. W. J. Hollenweger, "Lebendige Symbole des Heiligen", in: *Lutherische Monatshefte* 14, 1975, págs. 423-426.

salonar o sofrimento, temos que entrar nos lugares de isolamento, fisicamente, pois sem presença física não é possível a verdadeira compaixão. Uma congregação de cristãos, que não fornece qualquer serviço de visitação, não merece o nome do Senhor. E nas congregações, que visitam aqueles que se acham no sofrimento, também haverá membros que vão viver inteiramente com os aflitos, seja por meses ou anos, seja permanentemente.

2) Claro que o caminho aos sofredores não deve ser uma rua de mão única. As nossas casas, igrejas e instituições deveriam estar abertas para aqueles que sofrem. Em Heidelberg, há dois anos, a igreja da Universidade foi aberta, na noite de Natal, para todos os desamparados e desabrigados que quisessem chegar. E vieram quase trezentos, para jantar, conversar, fumar, dormir dentro da igreja; muitos deles também participaram no culto da noite sagrada. Cada tentativa de uma congregação de organizar instituições de consulta, e todas as experiências já feitas nestas instituições, como p. ex. no SICA em Porto Alegre, provam a necessidade de se pôr pessoalmente à disposição dos homens desamparados.

3) A abertura ao sofrimento, recomendada acima, pressupõe que nós mesmos abramos os corações e a consciência para os vários tipos de angústia em nosso mundo. Normalmente nós todos somos mestres em não reconhecer a realidade; queremos fechar os olhos diante dos sofrimentos no mundo. Mas este mecanismo de auto-defesa não pertence aos cristãos. Cremos que Deus mesmo constantemente vive consciente de seu mundo perturbado, e que ele mesmo sofre sob as condições incríveis que ele experimenta conosco. Como discípulos de Jesus Cristo nós podemos abrir os nossos sentimentos e pensamentos para o sofrimento no nosso ambiente, pois somos libertados das nossas ansiedades. A abertura não deve abolir a nossa alegria, mas vai facilitá-la. Pois, sabendo que Deus mesmo é participante no sofrimento, temos uma última certeza: de que no fundo e na realidade a tristeza está vencida.

4) Mais uma observação final: No AT encontramos, nos Salmos de queixa ou lamentação do indivíduo, uma grande preocupação com o homem, que está sofrendo. Estes salmos, por volta de 40, mostram, ao mesmo tempo, certas instituições, a saber, cultos especiais para o suplicante que queria confessar, protestar, queixar-se e assim obter o socorro de Deus e a reabilitação entre os homens. O reconhecimento de que estes salmos não são orações privadas, mas partes integrantes dos diversos processos litúrgicos, levanta a pergunta: como nós mesmos vamos reorganizar o tesouro dos nossos costumes e ritos eclesiais, a fim de incluir e ajudar aqueles que sofrem nas nossas congregações vivas?